



MOATIZE, GONDOLA E MACOSSA

A criatividade dos jovens em vídeos para manter a paz

UMA dezena de adolescentes, de 12 a 18 anos dos distritos de Moatize (Tete) e Macossa e Gondola (Manica), lançou recentemente, em sessões públicas nas escolas em que estudam, os primeiros documentários por si produzidos após aprender a produção de vídeo no laboratório participativo do Programa DELPAZ.

O programa, do Governo de Moçambique, financiado pela União Europeia e implementado pela Agência Italiana de Cooperação para o Desenvolvimento (AICS) nas províncias de Manica e Tete, tem como componente principal o engajamento comunitário para a paz. É com base nesta premissa que, em vários pontos do centro do país, muitas acções envolvendo crianças e jovens levam-nas a partilharem os seus sentimentos no

contexto da promoção da paz e tranquilidade, como nestes vídeos que produziram depois de uma capacitação técnica com os formadores moçambicano Samussone Manhique e italiano Angelo Ghidoni.

Mais do que um simples registo audiovisual divulgado em escolas daqueles distritos, os vídeos erguem-se como testemunho vivo da memória colectiva e da força da juventude local na preservação da identidade cultural, ambiental e as lutas de vidas no vazio.

Após participarem no laboratório de vídeo participativo, durante três semanas em 2024, os adolescentes, através das suas próprias vozes e olhares, contam a história da fundação das suas aldeias e destacam o compromisso com a consciencialização ambiental e a mudança social, inspirados na filosofia do DELPAZ.



Em Gondola, os adolescentes fizeram do pavilhão da sua escola uma sala de cinema

“Distância e vazio” apenas um título



Nesta escola de Macossa os rapazes retrataram a sua vila como uma ilha

ESTE é o título de um dos documentários produzidos pelos menores. Os protagonistas falam das implicações de viver numa região rural do interior onde o tempo parece correr mais devagar, exteriorizam sentimentos e testemunhos de partida de amigos e familiares em busca de melhores oportunidades em outras partes do país, seja para estudar ou trabalhar.

O cheiro da terra molhada e o som de pássaros misturam-se ao das enxadas dos camponeses em pleno cultivo, numa vida simples, mas cheia de significados.

No vídeo, cuja projecção ocorreu no anfiteatro da Escola Secundária de Mazicuera, no distrito de Gondola, onde o enredo decorreu, os protago-

nistas, com idades entre 15 e 18 anos, exploram a ligação entre a distância dos entes queridos e os métodos encontrados para preencher o vazio deixado por cada despedida, através de pequenas histórias do quotidiano.

Nele Luísa preenche o vazio criado pela partida da sua irmã com a dança; Kelvis encontra consolo na Bíblia e na religião para lidar com a separação da sua mãe; Olívia guarda com carinho um colar do amigo de coração, e Onélia encontra refúgio na natureza.

O filme oferece uma reflexão sobre a forma como a distância pode ser enfrentada e superada, mostrando a força do espírito humano para encontrar novas formas de preenchimento e reconciliação, num silêncio e corações cheios de esperança.

A Ilha do Mato

NO dia 22 de Outubro foram as telas montadas na Escola Secundária de Macossa a projetar o filme “Ilha do Mato”, uma referência ao isolamento daquele ponto de Manica que, ao contrário do que titula o filme, não é uma porção de terra cercada de água por toda a volta. É a pacata sede do distrito do mesmo nome e Manica, rodeada pelo mato ao ponto de parecer uma ilha.

Nas imagens do filme testemunha-se o encontro entre o passado e presente. Os adolescentes entrevistam anciãos, percorrem os espaços simbólicos da vila e partilham narrativas de cinco idosos entrevistados sobre a vida em tempo de guerra, sobre como era o amor em tempo de conflito armado e como era viver a adolescência à luz de tradições agora extintas.

Para os protagonistas, com idades entre 13 e 15 anos, esta

ilha tem sofrido muitas transformações nas últimas décadas, sendo por isso que o grupo de adolescentes sente que recebeu um grande legado daqueles que lutaram para libertar estes lugares durante a luta de libertação colonial e durante o conflito terminado em 1992.

Enquanto a câmara percorre os espaços públicos e naturalistas de Macossa, os adolescentes gravam em “voz ‘off’” as suas reflexões sobre as entrevistas, preparando-se para subir a chamada “Montanha Sagrada”, de onde Macossa pode ser vista do alto.

O vídeo revela como a sede do distrito nasceu da união e da solidariedade entre famílias que procuravam libertar-se do colonialismo e da miséria provocada pela chamada guerra dos 16 anos e buscar um lugar seguro e fértil para viver.



Trabalho árduo, mas com entusiasmo, também resultou num vídeo dos alunos de Moatize

Mais do que documentar a história, o processo participativo deu voz aos jovens, permitindo-lhes reconhecer-se como herdeiros e guardiões de uma herança cultural rica.

Ao manusearem as câmaras, escolherem as perguntas e decidirem o que contar, eles tam-

bém tornam-se autores da sua própria narrativa, reforçando o sentimento de pertença e orgulho pela sua terra.

A “Ilha do Mato” é, portanto, um exercício de memória e cidadania. Mostra como as tecnologias simples e a participação comunitária podem fortalecer

a identidade local, promover o diálogo inter-geracional e inspirar outros jovens moçambicanos a valorizarem as suas origens.

Em Macossa a história não é apenas contada, é vivida, partilhada e reinventada pelas novas gerações.

Sonhos e realidades do Bairro 4

JÁ em Moatize, que acolheu a primeira sessão de apresentação pública do filme “Desafios do Dia-a-dia, Sonhos e Realidades do Bairro 4”, a 20 de Outubro, os adolescentes daquele canto da província de Tete misturam os desafios da sua comunidade.

O bairro 4, devido à sua aproximação com a mina de carvão, enfrenta desafios com o abastecimento de água e a poeira. Adolescentes entre os 12 e 14 anos decidiram explorá-los de forma criativa.

Os adolescentes da Escola Primária Completa das Oitavadas tentam capturar as diferentes perspectivas da comunidade ao entrevistar os moradores sobre os desafios diários, onde a poeira fina

de carvão cobre as roupas, as casas e até sonhos. Eles exploram tanto os pontos de vista dos que sofrem e se queixam, quanto os daqueles que confiam nas instituições.

Os desafios do bairro estão profundamente entrelaçados com as lutas pessoais dos adolescentes. Exemplo disso são as histórias de Alberto, que sonha em ser artista; Orlanda, que quer ser campeã de futebol feminino; Albertina, incentivada pelos amigos a aprimorar as suas habilidades de dança. Há também a história do senhor Sobrinho, trabalhador das minas, que ensina taekwondo aos filhos como forma de prepará-los para enfrentar as adversidades.

Para os formadores da ONG Agape, Samussone Manhique e Angelo Ghidoni, que ajudaram os adolescentes a contar as suas histórias de maneira objectiva, evitando apenas reclamações, reconhecem o nato talento das comunidades cujas experiências se fundiram numa “arquitectura autêntica e emocionante” de colaboração.

“Na vida dos artistas e das obras de arte há sempre um momento muito importante, ou seja, aquele momento em que a obra deixa de ser algo ligado à experiência privada do seu criador, a sua memória, às suas aventuras, às suas intenções, se separa dele e começa uma vida própria, tornando-se um património partilhado com o público”, refere um comunicado

conjunto dos formadores, lido durante o lançamento do vídeo.

“Foi maravilhoso ver as vossas experiências fundirem-se numa arquitectura autêntica e emocionante de colaboração, tolerância e partilha de um objectivo comum”, anota, realçando que o filme revelou os adolescentes como “sentinelas cívicas”.

O vídeo participativo é uma produção audiovisual em que a realização não está centrada numa visão autoral única, mas resulta de um processo colectivo desenvolvido dentro de uma comunidade de participantes. O foco do vídeo participativo está no processo, e não no produto final.

DA CONSULTA À GRAMÁTICA



DELFINA MUGABE
(delfinadelfina1963@gmail.com)

O poder dos parêntesis ()!

“Da Consulta à Gramática” aborda hoje o poder dos parêntesis num texto formal: o seu uso e função. Para algumas pessoas estes sinais gráficos podem não ter nenhuma importância. Mas este texto vai nos mostrar quão pertinentes são os parêntesis no nosso processo de comunicação escrita.

À medida que nos esforçamos para comunicar ideias de forma clara e eficaz, é fundamental dominar as ferramentas da linguagem escrita que são diferentes da forma oral. Uma dessas ferramentas da escrita são os “parêntesis”. Trata-se de um recurso valioso que pode fazer toda a diferença na compreensão e interpretação da mensagem que pretendemos transmitir aos nossos leitores ou receptores do nosso texto/mensagem.

Actualmente, tem-se notado que algumas pessoas, incluindo escritores e jornalistas, subestimam a importância deste sinal gráfico, em textos formais. Porém, quando usados correctamente os parêntesis podem fornecer informações adicionais valiosas, sem interromper o fluxo do texto.

Um exemplo disso é quando se está a escrever sobre um determinado tema, sobretudo técnico, é necessário fornecer uma explicação adicional relacionada com o tema de modo a torná-lo o mais específico possível, mesmo para as pessoas que não sejam dessa área.

Portanto, ao invés de interromper o fluxo do texto, com uma longa explicação, os parêntesis podem ser usados para incluir notas ou referências importantes que ajudam a explicar melhor os argumentos ou ideia principal do autor. Isso permite que o leitor tenha

mais oportunidade de entender o tema e recorrer a outras fontes mencionadas entre os parêntesis.

Todavia, estes sinais devem ser usados com alguma moderação, isto é, sem exageros, pois o seu uso excessivo pode tornar o texto confuso e difícil de entender e por via disso provocar um desprazer de leitura. É importante entender que os parêntesis devem ser usados, apenas, para acrescentar informação adicional e não principal ou essencial. Vejamos algumas dicas:

- Use parêntesis para fornecer informações complementares, não para incluir os essenciais;
- Use parêntesis para clarificar termos técnicos ou abreviações;
- Use os parêntesis sem exagero, para evitar que o seu texto se torne massudo e sem nenhuma graça.

Vejamos alguns exemplos de uso de parêntesis no texto:

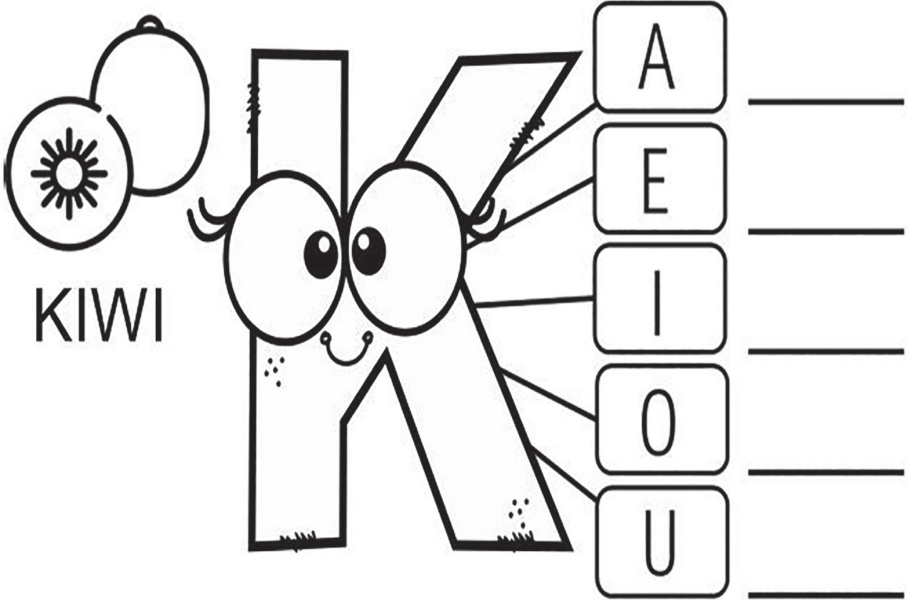
- As estatísticas indicam que a população moçambicana é constituída por 32 milhões de habitantes (52% mulheres e 48% homens), cuja maioria vive nas zonas rurais;
- A Organização da Mulher Moçambicana (OMM) é a maior agremiação que reúne mulheres de todo o país.
- Laços que perduram, do escritor N-cholas Sparks (2003), é uma obra interessante, cuja leitura recomendo...

Para concluir, os parêntesis são uma ferramenta importante na escrita que, usados de forma adequada, ajudam a tornar o texto mais claro e compreensível, com informações adicionais.



O Cantinho da Escrita

EU SOU A LETRA K
PARA VOCÊ PEQUENININHO
VOU ENSINAR MEUS PEDACINHOS.



COMPLETE AS PALAVRAS ABAIXO COM AS SÍLABAS:

KA – KE – KI – KO – KU

